

SESSÕES DO PLENÁRIO

55ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 08 de outubro de 2015.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo) Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem aos 85 anos de existência da Associação Bahiana de Imprensa – ABI – proposta pela nobre deputada Fabíola Mansur.

Para compor a Mesa, convido a proponente desta sessão especial, a deputada Fabíola Mansur; o Sr. Marco Antônio Oliveira de Queiroz, representante do reitor da Universidade Federal, o Sr. João Carlos Salles Pires da Silva; o Sr. Secretário de Comunicação do Governo do Estado, André Curvello; a Srª Presidente da Associação dos Magistrados da Bahia, Marielza Brandão Franco; o Sr. Representante da Academia de Letras da Bahia, Joaci Góes; o Sr. Presidente da Associação Comercial da Bahia, Luiz Fernando Queiroz; a Srª Presidente do Sindicato dos Jornalistas da Bahia, Marjorie Moura; o Sr. Pesquisador e Jornalista Nelson Varón Cadena e a Srª Diretora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Suzana Barbosa. (Palmas)

Designo os deputados Eduardo Salles e Herzem Gusmão e o Cerimonial da Casa para conduzirem o governador em exercício, o Sr. João Leão; o Sr. Presidente da Associação Bahiana de Imprensa, o jornalista Walter Pinheiro e o Sr. Presidente da Assembleia Geral da Associação Bahiana de Imprensa, o jornalista Samuel Celestino a este Plenário.

(A comissão de deputados e o Cerimonial da Casa adentram ao plenário com os convidados) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Neste momento, ouviremos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra à minha querida amiga e à proponente desta sessão, deputada Fabíola Mansur.

A Srª FABÍOLA MANSUR:- Senhores e senhoras, amigos e amigas, primeiramente, meu bom-dia.

Antes de saudar a ilustre Mesa desta sessão especial, quero compartilhar da minha profunda alegria em reunir tantas pessoas ilustres aqui, melhor, a nata do pensamento e da produção jornalística baiana. São essas pessoas que nos inspiram, cidadãos da sociedade baiana, a comemorar os 85 anos de existência da Associação Bahiana de Imprensa, ou seja, em seu quase 1 século de vida!

Certamente, esta foi e é uma instituição extremamente importante para assegurar a defesa das liberdades individuais e das liberdades da democracia, a defesa da atuação dos jornalistas para longe da famigerada censura e, também, a defesa dos direitos da sociedade baiana de estar bem informada.

Por isso, quero começar saudando a todos vocês antes de saudar a ilustre Mesa composta pelo Sr. Presidente desta Assembleia Legislativa, deputado Marcelo Nilo, uma pessoa que tem tido um extremo carinho com o nosso mandato, a quem agradeço. Quero saudar e dizer que me sinto extremamente prestigiada em ter o nosso governador em exercício, João Leão, vindo nessa sessão especial. Tenho certeza que o prestígio da Associação Baiana de Imprensa também certamente o incentivou a comparecer. Me sinto extremamente honrada. Quero saudar o nobre presidente da Associação Baiana de Imprensa, o jornalista e amigo Walter Pinheiro, que também preside o jornal Tribuna da Bahia, e hoje recebe o carinho desta Casa e de toda a sua diretoria. Quero saudar o Sr. João Carlos Sales, representante do reitor da Universidade Federal da Bahia. Quero saudar também o secretário de Comunicação do governo do Estado, amigo André Curvello, que nos honra com sua presença; jornalista e presidente da Assembleia Geral da ABI, amigo Samuel Celestino, ele que, junto com o presidente Walter Pinheiro, certamente é quase metade da história da Associação Bahiana de Imprensa. Quem é político não toma café da manhã antes de ler Samuel Celestino, um dos principais blogs desta cidade. Fico muito honrada por recebê-lo aqui. Estão também os amigos Levy Vasconcelos, que certamente, de forma carinhosa e especial, também faz parte desta Mesa; Bina, Osvaldo Lira, pessoas que estamos acostumados a ler toda manhã.

Quero com muita satisfação saudar a nossa amiga Dr^a. Marielza Brandão Franco, da Associação de Magistrados; o amigo Joacy Góes, que hoje representa a Academia de Letras da Bahia e sempre prestigia muito eventos nesta Casa; certamente é uma liderança na imprensa baiana e também faz parte dessa história. Sr. Luiz Fernando Queiroz, presidente da Associação Comercial da Bahia. Quero saudar a Sr^a Presidente do Sindicato dos Jornalistas, Marjorie Moura; a Associação dos Sindicatos tem a importante missão de defender a classe. É muito importante ver uma mulher à frente dessa instituição, assim como à frente da Facom, nossa querida Suzana Barbosa, diretora da Faculdade de Comunicação, que tem a missão de formar por nossos jovens jornalistas. Suzana, sou médica, mas já quis um dia ser jornalista, e frequentava mais a Facom com os amigos e hoje jornalistas Isabela Laranjeiras, Rosane Santana, Anaiçara Góes, e dizia que ali era um celeiro de grandes pensamentos críticos. Quero saudá-la carinhosamente. E quero saudar o nosso historiador, pesquisador e grande jornalista Nelson Varon Cadena, que vai, daqui a

pouco, contar um pouco dessa história. Nelson, muito obrigada pela sua presença e por nos brindar, daqui a pouco, com a história melhor contada da Associação Baiana de Imprensa.

Antes de tudo, quero me associar a vocês não apenas como deputada, e me permitir falar um pouco da nossa história, saudando uma história contada no livro OS PRIMOS, do nosso desembargador Edvaldo Brito, a quem saúdo carinhosamente. Saúdo também todos os presentes, os deputados Herzem Gusmão, Marcelino Galo, Eduardo Salles.

Sou neta de um linotipista. Sou neta de ex-dirigente da Associação Tipográfica da Bahia. Ele se chamava Demócrito, de democracia, Gomes de Carvalho. Ele era arrimo de família, tinha origem humilde e sustentava a família trabalhando nas oficinas gráficas. Nas noites, escondido, nos sábados e domingos, era operador da gráfica que ajudava, à época, o jornal do Partido Comunista, O Momento, nos seus primeiros números.

Tenho a certeza de que ele está, hoje... A Associação Baiana de Imprensa foi gestava praticamente junto à Associação Typographica Bahiana... Tenho a certeza de que, hoje, ele me inspira neste momento, tendo tido a sua colaboração, provavelmente, no início dos 85 anos dessa associação.

Quero começar lendo um pouco. Dada a importância da ABI, temos de ter um discurso escrito. Diria que para a gente falar dela temos de lembrar um pouco o que dizia o jornalista e filósofo Arbert Camus. Ele (Lê) “afirmou certa feita que o jornalista é o historiador do instante. É o jornalista quem pesquisa, relata e registra. O acúmulo destes registros resulta em arquivos, um ótimo reduto para o historiador. Isso nos remete à ideia de que, circunstancialmente, são todos vocês jornalistas historiadores. Não por acaso vários autores consagrados, a exemplo do sociólogo Gilberto Freyre, fizeram uso da imprensa como fonte principal para análise de determinados eventos históricos. Diversos estudiosos do escravismo também adotaram a imprensa para respaldar as suas pesquisas.

Mas este é um dos aspectos da imprensa. Em síntese, é possível afirmar mesmo que não existe Democracia sem uma imprensa forte. Mais que isso: não existe liberdade de expressão, não existe combate à censura sem uma imprensa forte e livre. Jornais, rádio, blogs, televisão... Esse conjunto poderoso vem, ao longo dos anos, dando sucessivas demonstrações da força social que exercem todos aqueles jornalistas que, engajados na construção de uma sociedade verdadeiramente livre de mazelas, elaboram suas pautas e constroem seus textos e discursos sob a luz, não somente da imparcialidade, mas da efetiva participação. Comportam-se como agentes políticos, no que este termo tem de mais nobre e sublime.

É a imprensa compromissada com o meio ambiente, com a saúde, por exemplo, que denuncia os grandes derramamentos de óleo em nossos mares e a falta de assistência em nosso País. É esta imprensa que assegura, com a denúncia, com a exibição das cenas chocantes, que as autoridades se movimentem e se manifestem e

que cumpram o seu papel fiscalizador para punir por esses crimes horrendos todos aqueles cuja ganância não enxerga limites.

E quando seres humanos são subordinados à condição análoga à da escravidão, nos rincões do país, onde muitas vezes a mão do Estado não chega, lá chega um repórter, uma câmera, um gravador, um bloco de anotação, e a denúncia alcança os olhos da nação, ganha expressão e fustiga o Estado a assumir seu papel, a desempenhar sua função social. É quando a esses seres humanos, enfim, é restituído o direito à liberdade, à convivência familiar, à dignidade. E reforço a tese de Ruy Barbosa: é quando a nação enxerga o mal que lhe malfazem.

E muito mal fazem à nação todos aqueles para os quais a República não passa de uma grande empresa para seus negócios espúrios. E muito bem faz a imprensa ao investigar e denunciar os malfeitores, os corruptos e corruptores. Pelos ralos da corrupção sangram vidas. Milhares de pessoas sucumbem sem saúde, educação e segurança, sem lazer, cultura ou alimentação... Tudo por força de um sistema que aniquila as esperanças para assegurar o bem-estar de uma minoria. É quando a imprensa exerce seu papel maior, é quando seu papel mais republicano, de colher provas, denunciar, trazer a lume, 'devassar o que lhe ocultam e tramam, colher o que lhe sonegam, ou roubam' ganha sentido singular.

Inumeráveis casos de corrupção, que vão desde o desvio de vultosas quantias financeiras dos cofres públicos até casos de nepotismo, ganharam projeção por meio dos profissionais da imprensa, que impediram assim, não apenas a impunidade, mas que a população não sofresse por mais tempo ainda com práticas cujos prejuízos são imensuráveis. Sem uma imprensa livre e fortemente identificada com os legítimos anseios populares, muitos malfeitos seriam eternamente invisíveis aos olhos da Nação.

Nada mais justo, portanto, que celebremos com louvor o aniversário de uma instituição que reúne todos aqueles profissionais que, na atividade cotidiana, fornecem o subsídio, o conteúdo para exercermos com maior criticidade possível a nossa cidadania. Enquanto comemoramos os 85 anos da ABI, Associação Bahiana de Imprensa, esta instituição fundada em 17 de agosto de 1930 encara os próximos aniversários. Em 2020 completará 90 anos e em 2030 alcançará seu primeiro centenário, somando-se a tantas outras instituições longevas da Bahia, como a Santa Casa de Misericórdia, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), a Associação dos Funcionários Públicos do Estado da Bahia, a Academia de Letras da Bahia e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia (Sinjorba), professora Marjorie.

A ABI é fruto gestado na Associação Typographica Bahiana (ATB), ideia animada pelo jornalista Thales de Freitas, fruto do diálogo dos operários das redações e das oficinas gráficas - das quais o meu avô Demócrito Gomes de Carvalho fez parte -, fruto do entendimento de jornalistas, linotipistas, donos de gráficas e de jornais e revistas, de revisores e escritores. Ao longo dos 85 anos foi presidida por seis homens dedicados - dois dos quais encontram-se aqui sentados -, sobretudo, ao Jornalismo e

às Letras: Altamirando Requião, Ranulpho Oliveira, Jorge Calmon - nesta Casa o seu centenário foi homenageado -, Afonso Maciel, nosso querido Samuel Celestino e, desde 2011, Walter Pinheiro, que acumula o encargo, o cargo com a direção-geral também da Tribuna da Bahia.

Desde a fundação, a ABI caminhou nas brumas de ditaduras, a de Vargas (1937-1945) e a civil-militar (1964-1985), e saiu adiante fortalecida no seu propósito de defesa da liberdade. Surgiu quando o impresso era predominante, quando o rádio apenas despontava como alternativa de informação e entretenimento. Chega às vésperas dos 90 anos de existência com o cenário modificado por causa das novas tecnologias, fenômeno incontornável que surpreende agentes e consumidores. O impresso cede o seu posto hegemônico, e o poder que enfeixava se dissipa em novos veículos que surgem todos os dias na Web, cenário que é acrescido também de novos canais de televisão por assinatura e múltiplas emissoras de rádio comunitárias.

A Associação Bahiana de Imprensa aprovou resolução no ano passado revendo o comportamento da entidade durante o golpe de 1964 e no período da ditadura no País, que durou até 1985, diante da censura imposta aos veículos de comunicação. A ABI vem atuando firme, sem se calar diante das arbitrariedades e da violência. Foi firme e decisiva na mobilização para conter a onda de assassinatos de jornalistas no final da década de 1990 e tem se posicionado de maneira clara e independente em casos mais recentes que configuram ameaças ao livre exercício da profissão e à liberdade de imprensa. A capacidade de fazer uma retratação pública em relação às omissões do passado engrandece, ainda mais, essa importante entidade que aqui homenageamos com muito orgulho.

Neste instante, a ABI se redefine com o novo Estatuto que amplia seu arco de atuação para além do exclusivo âmbito da comunicação e da defesa da liberdade de imprensa e de expressão. Volta a sua atenção também para as questões do meio ambiente, para as questões culturais, para as relativas à qualidade de vida nas cidades, visto que algumas caminham de modo descontrolado para a dimensão de megalópoles, e para a defesa de direitos outrora desimportantes que afetam a terceira idade, os desvalidos e os incapazes. A ABI desfralda com entusiasmo a bandeira da inclusão e do bem-estar de todos, sem descuidar-se de manter erguido o estandarte que sustenta há 85 anos.

O quadro da ABI tende a crescer à medida que, ano após ano, a instituição ganha ainda maior visibilidade por causa dos eventos e das posturas que adota diante dos muitos problemas que afetam a sociedade. Desejamos à ABI dias cada vez mais animados, sobretudo porque o local onde se situa a sua sede caminha para ser uma das áreas mais efervescentes da capital baiana. Desejo futuro brilhante a esta instituição que aos 85 anos se renova e, ademais de se ajustar ao seu tempo, contribui para que todos tenhamos uma vida melhor.”

Há no horizonte da atual diretoria da ABI três metas evidentes: 1. a execução de obras de manutenção e modernização dos imóveis da sede e da casa onde nasceu Ruy Barbosa, situada na rua que leva seu nome, e que funciona como museu que exhibe

obras e objetos do jurista baiano, nascido ali em 1849; 2. a expansão do número de associados, atraindo, sobretudo, os mais jovens, ora estudando nos cursos de nível superior ou iniciando na atividade profissional; 3. contribuir com a melhoria da qualificação profissional dos jovens jornalistas e estimular a criação de negócios da área da comunicação nos 417 municípios da Bahia. Em tudo, manter a preocupação de conjugar sempre a comunicação com a educação.”

E, aqui, adiciono, humildemente, uma nova tarefa e, talvez, um desafio, como diria Luís Guilherme, tentar mantermos jovens as duas características do bom jornalista: a curiosidade e a capacidade de se indignar, tão necessárias, hoje, para os novos jornalistas que aqui se encontram, prestigiando a ABI.

Quero dizer que: (Lê) “Ainda há muito a construir, como se vê. A Associação Bahiana de Imprensa está, aos 85 anos, dando ainda largos passos para a consolidação de uma política de integração dos profissionais, contribuindo de forma eficaz para fazer do jornalismo baiano espelho e inspiração para o resto do Brasil. Um jornalismo que seja suficientemente capaz de abraçar os novos tempos com a dinâmica e a responsabilidade que os novos tempos exigem. Por fim, é preciso destacar que é no cotidiano das pessoas que a imprensa exerce sua permanente e mais fundamental função, a de 'olhos da nação', como bem pontuou nosso jurista maior, o baiano Ruy Barbosa: 'Por ela, pela imprensa, é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonégam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa e se acautela do que a ameaça.'” Parabéns a ABI e vida longa, defendendo a imprensa baiana, a imprensa brasileira e a livre e forte democracia.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar para a Mesa meu querido amigo, desembargador do Tribunal de Justiça, Livaldo Britto.

Assistiremos à apresentação musical feita por Sérgio Pataro, com a música “Alegria Alegria”, de Caetano Veloso.

(Apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Registro que o nosso Sérgio Pataro é servidor da Assembleia Legislativa da Bahia.

Gostaria de registrar a presença do tenente Brito, representante do comandante do 2º Distrito Naval, vice-almirante Cláudio Portugal de Medeiros.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao jornalista e pesquisador Nelson Varón Cadena (Palmas.)

O Sr. NELSON VARÓN CADENA:- Bom-dia a todos.

Primeiro, quero agradecer à Associação Bahiana de Imprensa e à Assembleia Legislativa pelo convite que nos foi feito. Para mim, é uma honra estar nesta Casa para fazer um breve histórico da ABI, de sua importância.

Quero cumprimentar a Mesa na pessoa de Fabíola Mansur, agradecer-lhe por suas palavras elogiosas e um pouco exageradas a meu respeito, e cumprimentar também a plateia. Estou vendo muitos amigos de longa data, de tanto tempo, o que, para mim, é um grande prazer.

Duas semanas apenas tinham se passado desde a posse da primeira diretoria da ABI, que ocorreu no dia 10 de setembro de 1930, e esta Casa, a Assembleia Legislativa, foi motivo de grande constrangimento. Naquela data, o deputado José Rabelo – que era também o redator d'O Imparcial, e que mais tarde seria vítima da ditadura, seria agredido; surrado e preso – apresentava uma proposta para que a ABI fosse considerada como de utilidade pública. A posse da diretoria da ABI ocorreu no dia 10 de setembro de 1930 com toda pompa e circunstância. Primeiro, houve uma missa campal, celebrada por D. Augusto, na Catedral; mais tarde aconteceu uma sessão solene na Câmara Municipal, com a participação das principais autoridades do Estado, todas representadas. E 15 dias depois, quando a Assembleia quis dar-lhe o título de Entidade de Utilidade Pública um técnico daqui descobria que isso não poderia acontecer por uma razão muito simples: a ABI não existia.

Naquele momento a ABI não tinha regulamento; não tinha estatutos; não tinha registro; não tinha personalidade jurídica. Tudo isso demoraria, pelo menos, 3 a 4 meses para que fosse efetivado. E eu sempre me questioneei: mas como, se a ABI teve 73 fundadores, dos quais mais da metade eram profissionais do Direito, formados, bacharéis em Direito? Naquele tempo não existia formação profissional de jornalista, quase todos os membros originais da ABI eram tipógrafos, profissionais do Direito ou profissionais de Medicina. Como, com tanta gente experiente, inclusive alguns deputados, ninguém se lembrou de quais seriam os procedimentos básicos necessários para a formação de uma entidade? A única resposta que encontrei ao longo desse tempo é que houve um certo açodamento, uma certa necessidade de apressar as coisas. Uma necessidade de que, de fato, acontecesse, pelo menos informalmente, para que não ocorresse o que já havia ocorrido no passado em outras tentativas frustradas de criação de uma entidade representativa dos jornalistas. Lembrando que a primeira entidade representativa dos jornalistas foi a que Fabíola citou aqui: a Associação Tipográfica da Bahia.

Houve uma primeira tentativa de se criar aqui uma Associação Tipográfica da Bahia em 1837. Não deu certo por razões óbvias. Estourou a Sabinada, veio um período de grande repressão na Bahia e em todo o Brasil entre 1837 e 1840. Houve uma descontinuidade dessa ideia, que foi retomada mais tarde, em 1857, mas que também, por motivos que desconhecemos, não foi adiante.

De fato, a Associação Tipográfica da Bahia surge em 1871, e representava os tipógrafos da Bahia.

Hoje se tem a ideia de um tipógrafo como um cidadão semianalfabeto, analfabeto, rude e com um macacão sujo de tinta. Naquele tempo não era assim, existiam categorias de tipógrafos; algumas delas tinham um nível compatível com o de um jornalista, tanto que muitos grandes jornalistas da Bahia eram tipógrafos de

profissão. Posso citar alguns: Durval Chagas e seu pai, José Ramiro das Chagas; Joaquim Tavares de Ramos.

Muitos jornalistas iniciaram suas atividades dentro de uma oficina tipográfica. Para se ter uma ideia da importância dos tipógrafos, exemplificarei com duas categorias que considero mais qualificadas dentro da tipografia. Uma era o compositor, cidadão que tinha de montar o texto, letra a letra, a partir de um original escrito à mão em bico de pena. Isso tinha que ser feito com agilidade, não podia ser feito mecanicamente, deveria haver compreensão do que estava lendo, compreender gramática e ortografia para conseguir ser ágil no processo. Outro tipógrafo mais qualificado ainda era o revisor, que fazia a revisão final. Ele tinha uma qualificação tão importante que muitos desses revisores eram jornalistas e redatores dos jornais.

Em 1884, a Associação Tipográfica da Bahia lançou o que eu chamaria hoje de uma escolinha. Montou uma tipografia própria, fez uma espécie de treino e chamou tipógrafos aprendizes para que se iniciassem nas artes gráficas. Mas havia alguns requisitos: conhecimento de francês, latim, português, desenho linear, aritmética e outras matérias. Então, não era uma profissão para qualquer pessoa, mas para aqueles que tinham um nível cultural, um nível de estudo razoável.

A Associação Tipográfica da Bahia representou a classe jornalística, de fato, em vários episódios. Era uma entidade que tinha representatividade muito mais de jornalistas do que do próprio trabalhador gráfico, braçal, aquele que temos no imaginário como tipógrafo. Em 1902, com a vinda da esquadra chilena a Salvador, a Bahia rendeu homenagens – hoje vistas pelo binóculo da história – que naquele tempo tinham um significado muito grande, mas que hoje me parecem totalmente exageradas. Com a chegada dessa esquadra, algumas entidades se reuniram, a exemplo da Faculdade de Medicina, da Associação Tipográfica da Bahia e da Câmara Municipal, e foi feita aquela festa. Uma festa como nunca tinha acontecido na Bahia – só houve festas semelhantes quando o papa veio para cá, já na década de 80, e, talvez, com a chegada da rainha Elizabeth, na década de 60 – com homenagens durante 4 ou 5 dias.

A principal via pública da cidade, Rua Direita do Palácio, que, hoje, seria a Paralela, passou a se chamar Rua Chile.

E a Associação Tipográfica teve naquele episódio grandes homenagens e grande representatividade, inclusive chegou a fazer uma edição especial comemorativa. Os seus dirigentes discursaram e participaram de todas as homenagens feitas aos chilenos.

Também houve outros momentos marcantes da Associação Tipográfica da Bahia. Um deles, voltando mais no tempo, foi a Proclamação da República. A Bahia aderiu tardiamente à República, mas quando fez as festas, a celebração da mudança do regime – apesar de muitos historiadores considerarem que a Bahia aderiu à República, mas permaneceu monárquica por muito tempo –, a Associação Tipográfica também realizou várias sessões, várias homenagens ao novo regime que estava sendo

instaurado.

Ocorre que, já no início do século XX, surge no Rio de Janeiro uma entidade chamada Associação Brasileira de Imprensa, uma iniciativa de Gustavo de Lacerda. Era uma entidade que tinha como objetivo principal dar assistência... ainda vivia um pouco da ideia do mutualismo, que era dar assistência aos associados para que tivessem uma velhice digna, para que pudessem se aposentar com algumas vantagens e os mais necessitados terem um auxílio mensal e também o auxílio-funeral quando falecessem. Essa entidade inspirou, impulsionou a necessidade de outras entidades em outros Estados do Brasil, e a Bahia, muito cedo, já naquela época, 1809, já imaginou criar aqui uma entidade que ia se chamar Círculo dos Repórteres da Bahia, e que acabou não indo para a frente em função da política baiana. A política baiana estava muito acirrada naquele tempo por uma circunstância que foi o rompimento que teve entre José Marcelino e Severino Vieira e que gerou vários partidos que foram criados. Foram criados não no Politeama, onde se realizavam as convenções, as grandes coisas, mas dentro das redações dos jornais ou nos salões nobres dos jornais.

Então, lembrando que, em 1907, já dentro dessa sessão, Severino Vieira criou um partido no Salão Nobre do Diário da Bahia – ali foi realizada a convenção do partido, já era um partido dissidente. Lembrando que, dois anos depois, Seabra e o grupo de Seabra, realizaram uma convenção que inicialmente chamavam A Junta, depois seria o Partido Democrático mais tarde, e realizaram uma convenção nos salões da Gazeta do Povo. Ali foi realizada a convenção. Lembrando que mais tarde o próprio Democrata, nos salões do Democrata seria o cenário para a realização da convenção do partido, e lembrando que Simões Filho, muitos anos mais tarde, nos salões do *Jornal A Tarde* realizaria a convenção do partido que ele criou e imaginou que seria, o impulsionaria para ele ser governador da Bahia, mas que acabou não dando certo.

Então, o momento político era muito tenso, porque a briga dos jornais, a briga política estava dentro das redações dos jornais, dentro da direção dos jornais. E isso ficaria patente, muito mais patente ainda em 1912 com o bombardeio da Bahia, quando três jornais foram empastelados – o *Diário da Bahia*, o *Diário da Tarde* e *A Bahia*. Apenas dois jornais foram mantidos, um jornal que era neutro, que era o *Jornal de Notícias* e o *Jornal de Seabra*, a *Gazeta do Povo*. Os outros jornais sofreram consequências. E naturalmente neste clima político era praticamente impossível que se pudesse ter um diálogo, uma união dos jornalistas para que se pudesse criar uma entidade. Houve outras tentativas, mas sempre todas elas esbarravam justamente nesse papel político protagonizado pelos jornais, tão protagonistas dos fatos que estavam ocorrendo.

Chegamos em 1930. Chegamos nessa circunstância que falei dessa rapidez, dessa aceleração, dessa tentativa de se fundar a ABI de forma tão informal. E é dentro da diretoria da ABI que um cidadão que vou chamar aqui de conspirador, mas não estou fazendo nenhum juízo de valor em relação ao papel que eles representavam, mas era provavelmente a única pessoa na Bahia que estava informada, porque dentro

de duas ou três semanas após, teria uma revolução, teria um golpe de estado e seria instaurada uma ditadura. Essa pessoa entrou logo na diretoria da ABI como vice-presidente da assembleia e teve um papel fundamental em todo o processo de formação da diretoria.

O idealizador da ABI, que foi o farmacêutico e jornalista Thales de Freitas, colaborador de vários jornais e revistas, foi homenageado, digamos, como vice-presidente da diretoria executiva. Mas, ali na assembleia, um jornalista que era diretor de um jornal chamado *O Jornal*, não só participou de duas sessões da ABI, mas também da posse, no dia 10 de setembro de 1830, e de uma outra reunião que teve no dia 12 de setembro. Depois não participou mais da ABI por uma razão muito simples: 45 dias depois, ele era o novo interventor do Estado, o jornalista Leopoldo Amaral.

Então, podemos dizer que a ABI nasceu (não sei se deve ser entre aspas) ou teve a honra de o ter, como diretor e vice-presidente, o primeiro interventor da Bahia. Não consta nas atas da ABI que ele tenha pedido renúncia. Também, nas atas seguintes, quando foram realizadas as eleições, ele não aparece mais. Então, Leopoldo Amaral representa, assim, um papel fugaz dentro desse processo.

De qualquer forma, tenho a impressão que uma das razões para a ABI ter nascido na informalidade é que já sabiam – não apenas o Leopoldo Amaral, talvez ele tivesse informações mais precisas, mais detalhada, mas também de outros homens – que estava por vir uma mudança de regime, ou poderia ter um acontecimento maior que impediria, como já tinha impedido outras vezes, o agrupamento desses jornalistas para fundar uma entidade. E foram muitos duros esses primeiros 5 anos da fundação da Associação Baiana de Imprensa, a começar pelo primeiro dia da revolução, 4 de outubro, aqui na Bahia, quando o jornal *A Tarde* foi quase incendiado. Houve, figamos assim, tentativas de parcelamento de outros jornais. Um novo regime prendeu vários jornalistas, como Cosme de Farias, Franklin Queiroz, Joel Presídio e mais dois ou três jornalistas. Diante disso, a ABI teve que se pronunciar imediatamente, fazer gestões. Fizeram uma reunião de emergência e se decidiu ir na casa do governador Frederico Costa – que ainda não era interventor, era um governador provisório, interino. Foram pedir para que esses jornalistas fossem soltos e para que os jornais também. Como houve censura imediata, os jornais não podiam publicar nada acerca da revolução, senão eles saíam com o espaço em branco. Então pediram, também, para que houvesse o relaxamento de tal situação. E ele atendeu: dentro 24, 48 horas, os jornalistas foram soltos.

Esse ir e vir da diretoria da ABI – para a casa do governador, ou do interventor, ou dos interventores, ou do secretário de segurança pública – foi constante e permanente durante esses primeiros 5 anos. Houve um acordo de cavalheiros no seguinte sentido: tudo bem, o governo atende às reivindicações da entidade desde que não saia uma linha sobre esse assunto. Tanto que, quando olhamos as coleções dos jornais, não encontramos nenhuma notícia a respeito, sabemos disso apenas pelas atas da própria entidade.

Era muito interessante a reação dos interventores, dos governadores, era sempre

a mesma resposta: “Não, mas vamos atender, com toda a presteza, logo que as circunstâncias permitirem”. Isso era o tempo que o governo se dava para punir o jornalista ou o jornal no que ele achava que deveria ser uma punição para que este se mantivesse distante de algum tipo de noticiário que o governo queria que não fosse publicado.

Então, todos os pleitos da ABI, digamos, foram atendidos. Mas alguns demoraram 48 horas, uma semana, duas semanas. No caso do *Diário de Notícias*, a suspensão durou 52 dias; no caso do jornal *A Tarde*, foi mais de um mês. Houve prisões, como a do Joel Presídio, que se estenderam por mais de 15, 20 dias. Vários diretores de jornais foram presos, foi um período de uma repressão muito intensa. Simões Filho teve que ser exilado, depois, quando voltou ao Brasil e voltou à Bahia, em 1934, num episódio bastante conhecido, ele foi agredido junto ao irmão dele, Antônio Simões, na porta de sua residência. Também foi preso Flávio de Carvalho, que era diretor do *Diário da Bahia*; Mário Monteiro, diretor do *Imparcial*; Franklin Queiroz em diversas ocasiões. Vários jornalistas sofreram agressões, inclusive físicas, houve até punhaladas – como é o caso de Venceslau Galo, que foi apunhalado na Rua da Independência e passou algum tempo no hospital. A ABI se pronunciou, fez um documento no qual protestava de forma veemente contra isso. O governo disse que não tinha nada a ver, que não sabia disso e que tomaria as providências para apurar o que estava acontecendo. Mas ele já havia sido advertido antes e preso em outras ocasiões justamente por publicar matérias que desagradavam o regime.

Então, foram duros esses primeiros 5 anos da ABI, a ponto de o próprio presidente da ABI na época, Ranulfo Oliveira – que sucedeu Altamirando Requião –, ter sido processado pelo interventor. Mas o processo não foi adiante, Ranulfo Oliveira foi absolvido. Houve um momento que retratou qual era, realmente, o relacionamento que existia entre a interventoria – os vários interventores que a Bahia teve – e a Associação Bahiana de Imprensa: em 1932, no mês de setembro ou outubro, a ABI recebeu uma provocação, um documento no qual o interventor perguntava qual a posição pessoal do presidente Ranulfo Oliveira e qual a posição da entidade com relação a dois assuntos. A primeira pergunta era se, tanto o presidente, como a entidade, achavam que ele estava se incumbindo corretamente das suas funções como interventor; a segunda perguntava era se a entidade achava que o atual regime de 1930 era o ideal, ou se era melhor o regime anterior.

Não sei qual foi o resultado disso. No livro de atas da Associação Bahiana de Imprensa consta apenas o ofício recebido da interventoria. Mas não consta que tenha havido uma resposta. Imagino que tenha havido algum entendimento pessoal, alguma circunstância em que a diretoria se dirigiu para o governo, para conversar e dar uma satisfação quanto a esse questionamento.

Falei apenas dos 5 primeiros anos, mas apenas queria deixar registrado o seguinte: a ABI sempre fez o que pôde em defesa da liberdade de imprensa, em defesa dos jornais e dos jornalistas. Quando digo sempre fez o que pôde, é porque houve circunstâncias que não permitiam que se avançasse mais: os dois regimes

ditatoriais, nos quais um avanço a mais, dentro do que era possível, do que era simplesmente protocolado – mandar um ofício, dirigir-se às autoridades – , significaria provavelmente fechar a entidade.

Agradeço a atenção de todos. Obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra a jornalista, presidente do Sindicato dos Jornalistas, Marjorie Moura, pelo tempo de até 10 minutos.

A Sr^a MARJORIE MOURA:- Bom-dia a todos, agradeço o convite da deputada Fabíola Mansur, a oportunidade de homenagear a ABI, porque homenagear a ABI é homenagear todos nós jornalistas.

Nós jornalistas existimos para desagradar interesses. Então, o jornalismo é uma atividade muito difícil e muito perigosa. Mas, felizmente, contamos com o companheirismo do Sindicato dos Jornalistas e da ABI, na defesa dos jornalistas – seja na liberdade de expressão, seja, até, na defesa da integridade física, que ultimamente vem sendo ameaçada constantemente na atividade dos jornalistas. Então lidar com uma ABI em que há um diálogo, que tem uma parceria juntamente com a OAB é uma honra, um privilégio e comemorar os 85 anos dessa entidade também.

Nós jornalistas costumamos ser muito desorganizados, não temos um sentimento de classe muito grande, mas ter uma entidade maior que reúne empresários e também jornalistas é fundamental neste momento em que o jornalismo passa por uma mudança muito grande. Então precisamos repensar nossa profissão, repensar o negócio comunicação e o negócio jornal, e juntos buscarmos as soluções para sairmos da atual situação.

Temos passado por muitos problemas sérios com relação ao fechamento de empresas, ao desemprego, mas acho que o caminho sempre é buscar a nossa natureza, que é buscar informação, buscar os nossos negócios, buscar nosso lugar na sociedade, que é ser sempre esse porta-voz, buscar uma verdade, que não é fechado, é a visão de todo mundo, que é o papel dos jornalistas, sempre ser exposto à sociedade. E a ABI faz isso muito bem reunindo tanto os colegas que atuam no dia a dia na frente como também as empresas que lidam com as situações econômicas e financeiras, enfim com tudo que muda de forma tecnológica ou não na nossa profissão.

Eu não vou gastar os 10 minutos, porque sou sucinta, aprendi a ser sucinta, escrevo muito resumidamente, porque acho que assim deve ser o jornalista, deixar ou outros falarem. Obrigado (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o jornalista Joaci Góes por até 10 minutos.

O Sr. JOACI GÓES:- Sr. Presidente Marcelo Nilo, cujos sucessivos mandatos

como presidente desta Casa constituem um marco histórico no processo de afirmação da independência do Poder Legislativo da Bahia; Sr. Governador do Estado; quero saudar toda a Mesa, os cavalheiros da Mesa nas pessoas do desembargador Livaldo Brito e dos presidentes da ABI, Samuel Celestino e Valter Pinheiro, quero lembrar que em 85 anos essa instituição com seis dirigentes apenas cada um até hoje, em média, a regeu por 14 anos e dois meses sem contar que ninguém sabe por quanto tempo ali permanecerá o companheiro Valter Pinheiro.

Quero saudar todas as senhoras que aqui se encontram nas pessoas das cinco mulheres que estão na Mesa, a começar pela deputada que patrocinou essa iniciativa passando pela senadora Lídice da Mata, pela Marjorie, que é presidente do sindicato, pela professora Suzana e pela juíza Marielza.

Devo dizer, meu caro presidente, que um evento como esse nos leva a crer que essa mesa deveria ser bem mais ampla para abranger tantas pessoas ilustres que vejo aqui no auditório. Quero adiantar também que o fato de ter dirigido um jornal o Tribuna da Bahia por 27 anos, de 1970 a 1997, quando nos primórdios, em 1970, ao chegar aqui na Bahia eu conheci o então mais jovem ainda historiador Nelson Cadena, e muito teríamos a falar a respeito do significado da imprensa em geral e do papel que a ABI tem desempenhado na Bahia.

Gostaria de lembrar a afirmação definitiva de Thomas Jefferson, nos Estados Unidos, que define, mais do que outra qualquer, o significado da imprensa para a afirmação dos povos, particularmente para o exercício da vida democrática. Dizia ele que, se tivesse de escolher, preferiria um país com imprensa, mas sem Congresso, do que um país com Congresso, mas sem imprensa.

Basta consultarmos os anais da história do Brasil para verificarmos o que a imprensa tem feito em favor do aperfeiçoamento da nossa vida política, social, econômica. Em síntese, para que nós possamos ter percorrido os caminhos que percorremos para desemborcarmos nesse estágio em que hoje nos encontramos, quando vivemos o momento mais maduro da nossa vida democrática em toda a nossa história.

A imprensa, apesar dos seus males eventuais, como tão bem definiu o Barão de Itararé, que, presente a um almoço, convidaram-no para usar da palavra e ele respondeu com o seu espírito que criou fama: “A imprensa quando come, não fala”. E recusou-se a falar. Mas a imprensa, apesar de silenciar-se quando come, ela pode um dia abrir a boca e ensejar que a Nação tome conhecimento do mal que lhe fazem, como aqui acentuou a nossa deputada.

O episódio da Lava Jato é o mais revelador de todos. Basta um episódio como esse para que possamos aceitar o papel insubstituível da imprensa. E foi graças a essa responsabilidade que, quando nós assumimos a Tribuna da Bahia, empresários que éramos durante o período ditatorial – fora e dentro da Bahia –, as pessoas diziam que a Tribuna da Bahia, sob o comando de um empresário, nada mais seria do que uma versão privada do Diário Oficial. Eu quero lembrar aqui, particularmente aos mais

jovens, que não conheço nos anais da imprensa baiana – uma imprensa livre – nenhum exemplo de afirmação tão completa da independência de um veículo quanto foi o papel histórico desempenhado pela Tribuna da Bahia (Palmas.)

Eu conto um episódio final, Sr. Presidente: quando eu tive meu nome vetado, pelos órgãos de segurança, para fazer a Escola Superior de Guerra, o general Walter Paes, indignado – porque foi ele quem indicou meu nome – pediu ao general Adyr Fiuza de Castro, que era o comandante da VI Região, para me conceder uma audiência. Eu lá estive e fui acompanhado de Walter Pinheiro. Walter, cidadão exemplar que todos conhecemos e admiramos, foi de paletó e gravata; eu fui de camisa esporte, muito a propósito. Entendam: eu ia falar com o rei da Bahia, mas não estava escrito em nenhum regimento que não pudesse comparecer de camisa esporte. Ele me cumprimentou, eu de pé, fiz o agradecimento: “Muito obrigado, Sr. General, por me receber.” Ele disse “Vamo-nos sentar.” Eu disse “Antes de nos sentarmos, gostaria de levantar uma premissa. Gostaria de saber como V.Ex^a se posiciona diante dessa premissa.” Ele disse “Pois não.” “Nós vivemos num regime ditatorial.” “Não senhor, vivemos num regime democrático.” “Não vamos perder tempo, porque não vou convencer o senhor de que nós não vivemos num regime democrático. Nem o senhor vai me convencer do contrário. Nós vivemos num regime ditatorial, e isso significa que o senhor é o “vice-rei” da Bahia. O senhor é o homem mais importante da Bahia. E eu sou um cidadão, nada mais do que um eleitor. E para que eu possa me sentar aqui quero saber como o senhor se posiciona diante de uma premissa que para mim é fundamental: a de que neste diálogo que vamos manter nós estaremos em absoluto pé de igualdade. Ele disse “Não, o senhor tem razão.” Aí sentamos e conversamos. Ao final, falei longamente. Ele respondeu dizendo o seguinte: “Eu nada tenho contra o senhor. Mas basta ler os nomes dos jornalistas que integram o seu jornal para verificar que nós estamos em campos opostos, porque o senhor aceita como colaboradoras do seu jornal pessoas que defendem ideias contrárias às que eu defendo.”

E o jornal não mudou de posição. Eu estou vivo, graças a Deus! A Tribuna, sob o comando de Walter Pinheiro, está livre, graças a Deus! E nós estamos aqui festejando estes 85 anos da ABI, que inclusive tem a prestigiar o acontecimento a presença do nosso governador João Leão.

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar algumas presenças. Inclusive se encontra na nossa Mesa a nossa querida senadora Lídice da Mata. Registro a presença do coronel Garcia, representante do comandante da 6^a Região Militar, general de divisão Artur Costa Moura; de Francisco Sena, assessor da presidência do TCM, do Líder da Oposição, deputado Sandro Régis, e de Walter Moacyr Costa Moura, relações-públicas da Irmandade do Santíssimo Sacramento e

Nossa Senhora da Conceição da Praia.

Concedo a palavra, pelo tempo de até cinco minutos, a Suzana Barbosa, diretora da Faculdade de Comunicação. (Palmas!)

A Sr^a SUZANA BARBOSA:- Bom-dia a todas e todos.

Quero cumprimentar, na pessoa da Fabíola Mansur, toda a Mesa, destacando o Ilmo. Governador em exercício, João Leão, o presidente desta Casa, Marcelo Nilo, especialmente o Sr. Walter Pinheiro e também a todos que compõem a diretoria da ABI, além dos meus colegas, porque eu sou jornalista e aqui falo como professora e diretora da Faculdade de Comunicação da UFBa.

Esta instituição, a Universidade Federal da Bahia, foi justamente aquela primeira que sediou, ainda nos anos 50, o Departamento de Jornalismo na Faculdade de Filosofia. E logo depois, na década de 60, compôs junto com Biblioteconomia a Escola de Biblioteconomia e Comunicação. Já em 87 então se autonomiza a Faculdade de Comunicação.

É um prazer fazer parte aqui hoje desta solenidade em homenagem a uma instituição como a Associação Bahiana de Imprensa, pela qual devemos zelar sempre pela nossa área da Comunicação na Bahia, pela força que temos. E acredito, junto aqui com todos os jornalistas nesta função que temos num País como o nosso e num Estado como este, que devemos sempre defender o nosso papel e, principalmente, pensarmos como podemos sempre desenvolver melhor a nossa imprensa, a nossa área da Comunicação no Brasil e na Bahia.

Então, neste Plenário, faço as minhas homenagens em nome da minha instituição, a Universidade Federal da Bahia, aqui representada pelo Marco Queiroz, assessor de Comunicação, que representa também o nosso Magnífico Reitor João Carlos Salles.

A todas e todos o meu bom-dia e o meu forte abraço à Associação Bahiana de Imprensa, e que possamos mais e mais realizarmos – eventos conjuntos como aquele que realizamos em 2011 pelos 200 anos de imprensa na Bahia.

Muito obrigada e bom dia (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças dos deputados Pablo Barrozo, Pastor Sargento Isidório, Herzem Gusmão, Marcelino Galo. Também registrar a presença do Zulu Araújo, presidente da SECULT, Fundação Pedro Calmo e Jorge Codame, representante da Irmandade do Senhor do Bonfim. Também registrar a presença do meu querido amigo Claudelino Miranda.

Concedo a palavra ao meu querido amigo Presidente da Associação Bahiana de Imprensa, Walter Pinheiro (Palmas.)

O Sr. WALTER PINHEIRO:- Exm^o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, meu caro amigo deputado Marcelo Nilo, cuja gestão aqui já foi

enaltecida pelo meu prezado amigo e companheiro Joaci Góes, como uma das mais profícuas para esta egrégia Instituição.

Mas, eu agregaria ainda o fato que muito se relaciona com a cultura, com a imprensa local, que foi a atenção que o mesmo dedicou à edição de 153 livros, com o patrocínio da Alba, Assembleia Legislativa, estimulando por demais a cultura do nosso Estado.

Exmº Sr. Governador João Leão, uma amizade que muito me orgulha, porque me fez testemunho da vida que tivemos nesses quase 40 anos, acompanhando as batalhas políticas, do desenvolvimento da nossa terra, do nosso Estado. Ele a quem considero o mais baiano de todos os pernambucanos, ele que tem uma afinidade também muito próxima com todos nós, por ter nascido no meio da imprensa. O pai dele, em Pernambuco, era proprietário de um jornal diário, também. Estamos muito felizes com sua presença a este ato.

Srª proponente desta sessão, Exmª Sra. deputada Fabíola Mansur, na realidade durante muito tempo a admirei pela consciência que tinha do seu talento, do seu desvelo em tratar da visão dos outros. Não só aqui, mas antes, na Câmara dos Vereadores de Salvador, e aqui nesses 8 a 9 meses de gestão, ficam marcados atos, ações que demonstram a sua visão como parlamentar, seja à frente da Comissão da Mulher, mas recentemente também na Comissão da Pequena e Média Empresa.

Enfim, por todo trabalho, um novo trabalho que vem sendo desenvolvido no Parlamento Baiano, ao que muito dignifica e, acima de tudo, muito valoriza o gesto e a iniciativa de haver proposto a homenagem a Associação Bahiana de Imprensa. (Palmas.) Exmª Srª Senadora Lídice da Mata, nossa amiga de longas datas, também testemunha recíproca de toda essa luta que desenvolvemos tanto como jornal, como imprensa e V.Exª como política parlamentar e executiva em favor dos interesses da nossa comunidade, honrado com a presença; meu caro amigo representante do Poder Judiciário, desembargador Livaldo Britto, que também se faz presente e, por seu intermédio, saúdo os demais membros do Poder Judiciário; Sr. Marco Antônio Queiroz, representante da nossa querida Universidade Federal da Bahia; meu caro companheiro da ABI, jornalista, secretário do Estado André Curvello, que aqui também se faz presente, valorizando esta sessão.

Falar de Samuel Celestino acho um exagero, mas devo sempre enfatizar a admiração, o respeito. Trabalhamos muito tempo em conjunto na própria ABI, ele na presidência, em seguida me passando o bastão daquela instituição e continuando todo esse desenvolvimento de 85 anos em que a ABI se projetou para a nossa Bahia e Brasil como instituição de escol, de alto significado como entidade civil muito importante para o desenvolvimento da nossa terra, da nossa cultura e do nosso jornalismo. A Samuel também as nossas homenagens; Drª Marielza Brandão, a quem já admiro por longo tempo, agora à frente da Amab vem realizando um trabalho magnífico, tendo nós da ABI a possibilidade de realizar também parcerias que fazem com que ambas as instituições possam se projetar e servir ao povo, em especial nos momentos difíceis como esses que o Brasil tem vivido, no qual as entidades civis são

tão requeridas a participar em face da incredibilidade que algumas das outras instituições vão angariando, diante do noticiário que todos nós temos acompanhado.

Ao meu querido amigo Joaci Góes, uma palavra especial. Porque, para quem não sabe, foi ele que teve a coragem de assumir o risco de me inserir na imprensa. Se participo da imprensa foi por decisão e definição, pela convivência que juntos tivemos e com ele muito aprendi para poder transferir, em benefício da nossa comunidade. Estou muito feliz e honrado com a sua presença, aqui neste encontro.

A minha presidente Marjorie Moura, as suas palavras me comoveram com a sua visão a respeito do papel da ABI. Posso também devolver dizendo que este convívio que tem existido tem sido extremamente profícuo, pela consciência que temos do que tanto o sindicato quanto a ABI representam para permitir aos jornalistas a prática do seu trabalho e do seu papel. Se não estivermos atentos e muito vigilantes, aquilo que é mais necessário à democracia, que é a liberdade dos direitos, em especial o direito de expressão, o direito à liberdade de imprensa, isso certamente estará prejudicado. E o seu trabalho à frente do sindicato, também é notado, destacado e ressaltado em vários e vários momentos; meu querido Luiz Fernando Queiroz, companheiro do Rotary, presidente da Associação Comercial da Bahia, muito feliz em tê-lo aqui; companheira Suzana Barbosa, jornalista, diretora da Faculdade de Comunicação, agradeço as palavras e participação nesse encontro; e meu caro Nelson Varón Cadena que aqui já simplificou em grande parte o nosso trabalho ao historiar tão bem os 85 anos que a nossa ABI alcança.

Devo mencionar, porque estamos em fase de agradecimento, que esta sessão começou por um trabalho desenvolvido pelo nosso conselheiro Luiz Guilherme, juntamente com Olívia Soares, assessora da nossa deputada. E, a partir daí, a ABI tem a chance de marcar os seus 85 anos sendo homenageada pelo Poder Legislativo que, sem nenhuma dúvida, é o Poder mais representativo dentre os Poderes democráticos, porque é do Poder Legislativo que vem a força do povo, é o povo chegando na Assembleia e a Assembleia prestando homenagem a sua instituição, Associação Bahiana de Imprensa.

Então esse é o primeiro ponto que eu gostaria de destacar salientando a importância de estarmos aqui sendo homenageados. Essa homenagem, meu caro presidente Marcelo Nilo, destina-se a inúmeras pessoas, a todos aqueles que fizeram e fazem a Associação Bahiana de Imprensa que há 85 anos está diuturnamente presente e participando dos mais importantes atos que ocorrem na nossa terra.

Aqui já mencionamos, e o nosso Cadena citou, o Thales de Freitas como um farmacêutico que também atuava no jornalismo e foi o embrião de tudo. Mas não podemos esquecer do nosso Altamirando Requião, primeiro presidente; do Ranulfo Oliveira, de atuação marcante e grande responsável pela edificação da nossa sede, um prédio magnífico que está na Praça da Sé traduzindo a independência, a força, representação da Associação Bahiana de Imprensa e a imprensa de um modo geral; do nosso saudoso Jorge Calmon cujo centenário nós tivemos oportunidade, inclusive, de reverenciar também aqui e que aconteceu no dia 7 de julho passado; do nosso Afonso

Maciel, cujas saudades são mais fortes ainda por ter nos deixado no dia 21 de junho último surpreendendo a muitos que só vieram tomar conhecimento muito tempo depois, mas que foi presidente por um bom período da Associação Bahiana de Imprensa; do nosso Samuel que já mencionei antes e também aos demais integrantes da Associação Bahiana, em especial, os seus conselheiros como aqueles que aqui se encontram: Pedro Daltro, Luiz Guilherme, Valter Lessa, Raimundo Marinho Luiz Alberto, Agostinho Muniz, Nelson Carvalho, Antônio Jorge, Antônio Matos e Carlos Navarro que percebo que já nos deixou. Então a todos esses essas homenagens são também dirigidas.

As afinidades entre a Associação Bahiana de Imprensa e a Assembleia Legislativa vêm de muito tempo. Em 1960, a sede da ALBA – Assembleia Legislativa do Estado da Bahia – permaneceu, durante 14 anos, até 1974, lá, no edifício-sede Ranulfo Oliveira que pertence à Associação Bahiana de Imprensa e, depois, transferiu-se para cá com a inauguração deste prédio.

E há mais um dado marcante. Este seria, talvez, um prenúncio do matriarcado que, hoje, registra-se na Bahia, minha querida deputada Fabíola Mansur, pois a primeira mulher deputada a presidir uma sessão legislativa foi a deputada Ana Oliveira e o fez quando a Assembleia Legislativa ainda estava na sede da ABI. Já era o começo. Podemos perceber como a mulher está muito vinculada à própria vida da ABI.

Hoje, ao olharmos esta Mesa, percebemos como vamos equilibrando a presença das mulheres e dos homens no comando. (Palmas) É o verdadeiro matriarcado que aí está. E V.Ex^a, deputada Fabíola Mansur, como presidente da Comissão Direitos da Mulher, muito terá a fazer e contará, também, com o apoio da imprensa certamente por entender o significado que a mulher tem para todos nós.

Pois bem, esta vinculação é muito forte e é muito grande. Existe a consciência de que sem imprensa não há democracia; a consciência do que representa o Poder Legislativo para o fortalecimento da democracia. Enfim, esta estreita relação precisa ser regada, precisa ser mantida, precisa ser alimentada o tempo todo para conseguirmos engrandecer este País e, cada vez mais, avançarmos com a posição do Brasil, seja no cenário das Nações, seja para o seu próprio povo.

Não poderia de deixar, até pela coincidência, de mencionar o fato acontecido ontem quando houve uma sessão histórica no Tribunal de Contas da União em que, ali, a democracia foi exercitada em todo o seu aspecto. Pode não agradar a uns; certamente agradará a muitos. De qualquer forma, a liberdade, ali, estava presente.

A referida sessão do TCU foi transmitida ao vivo para todo o País. Tudo foi assistido. Então, com isso, fica caracterizada a importância da imprensa e a importância do jornalista neste papel de dar transparência aos atos públicos da vida nacional.

Enfim, a referida sessão do TCU foi algo que tocou e arrepiou muita gente por ver a coragem e a liberdade de ministros e de auditores do próprio tribunal ao analisar

as contas da Presidência da República.

E, mesmo diante de todas as medidas apresentadas, também constitucionais e também democráticas, foi empolgante assistir, livremente, as decisões de seus membros, seja no Supremo Tribunal Federal, seja no Tribunal de Contas da União, ao dar o seu parecer ou o seu resultado.

Certa feita, recebi – isso já deve ter uns 20 anos – a visita de um americano que estava fazendo um trabalho no Brasil sobre o papel dos tribunais de contas. Ele ficava surpreso por existir Tribunal de Contas da União, Tribunais de Contas dos Estados e dos Municípios. “*Para que tanto tribunal?*”, perguntou ele. E, naquele momento, disse a ele que era uma composição que existia e o que se sabe é que gera muitos custos. Os resultados não são os que se imagina e caracteriza-se mais como uma espécie de consolidação daquilo que o próprio Poder Executivo já apresentou.

Ontem, a sessão do Tribunal de Contas da União foi histórica, porque foi ao contrário. Então, desde 1937, um Tribunal de Contas da União não rejeita uma conta de um presidente. Aquilo mostra, acima de tudo, que a lei está aí para todos. Todos estão subordinados à lei, sejam prefeitos, sejam governadores, sejam presidentes.

Isso terá um efeito magnífico no fortalecimento da democracia e no fortalecimento da cidadania. E que assim continue!

Então, independentemente das cores partidárias e das ideologias, eu acho que temos uma Constituição que foi elaborada com tanto ardor, com tanto trabalho, inclusive com a participação do nosso constituinte Joaci Góes, na época. Em 1988, surgia o saudoso Ulisses Guimarães falando que esta é uma Constituição cidadã. Então, se tem uma Constituição vamos segui-la em todos os seus aspectos para o benefício e para o sucesso cada vez maior do nosso País.

A data para nós foi dia 17 de agosto, mas deixamos para ter a solenidade maior hoje por razões já explicadas aqui anteriormente. Esta é uma data extremamente marcante para a ABI, mas entendo que para a sociedade como um todo. A ABI está muito consciente da situação que vive o nosso País, está muito consciente do dever democrático ou dos ditames democráticos a que ela está submetida e que ela está também em observância permanente.

Em primeiro lugar, cabe como seu objetivo maior a defesa e propiciar a boa prática do jornalismo. Quando conversamos aqui sobre o sindicato dos jornalistas, exatamente essa integração provém disso. A consciência de que sem o jornalismo não haverá transparência, sem essa transparência não chegaremos no fortalecimento, na manutenção da democracia. A Associação Bahiana de Imprensa está na defesa da liberdade de expressão como um todo, na defesa dos direitos humanos. Momentos como esses que estamos vivendo de tantos embates trazem muita opressão. A opressão recai muito sobre a imprensa. Então, a todo instante tivemos aqui manifestação dos sindicatos, manifestação da Facom Temos também a nossa, estamos permanentemente atentos e solidários àqueles companheiros da imprensa que por qualquer razão tenham o seu trabalho cerceado ou a sua integridade física até

ameaçada. E não temos nos omitido em recorrer às autoridades constituídas na defesa do trabalho, na defesa das missões que são desenvolvidas por esses profissionais e também pelos órgãos de comunicação onde estão atuando.

Sem isso, caros amigos, não conseguiremos aquilo maior que é exatamente obter a transparência, de ensinar o acesso às informações que pertencem a todos, porque a tendência do mandatário é de conduzir o fato ao seu gosto. O papel da imprensa é de informar, o papel da imprensa é de criticar, o papel da imprensa é de denunciar, é de repudiar, enfim, é um papel forte e, com a absoluta certeza, se assim não estivesse sendo nesses últimos anos não teríamos chegado à situação que já chagamos em dias de hoje.

Para não mais roubar o tempo dos caros amigos que aqui participam, sejam do Rotary Clube, sejam da Santa Casa de Misericórdia, meus caros amigos da Tribuna da Bahia que aqui estão, jornalistas, deputados, prefeitos que vieram prestigiar este encontro, essa data de 85 anos da Associação Bahiana de Imprensa tem um relevo, uma importância e há de ser considerada por muito e muito tempo, e a vida continua. Estaremos sempre atentos todos nós, da Associação Bahiana de Imprensa, como um compromisso, esse compromisso maior que é de praticar o jornalismo o mais puro possível. Males existem, mazelas acontecem, afinal de contas somos seres humanos, mas não podemos persistir na ocorrência, na manutenção, na prática desse procedimento.

Então, o compromisso que temos é com a comunidade no geral, é com as autoridades em si, de desenvolvermos o nosso papel. E a ABI exerce também um papel moderador, muitas e muitas vezes nossas reuniões são permanentes. Estamos lá a discutir tudo aquilo que acontece e como este País está caminhando.

E com aquela doce esperança, com aquele otimismo que o nosso governador João Leão sempre transmite, de acreditar nas potencialidades do Brasil, nas potencialidades da Bahia, para que, a partir daí, tenhamos dias melhores e possamos nos próximos anos comemorar novas datas até chegarmos aos 90 anos – mais uma data fechada, em que esperamos estar juntos novamente tendo o prazer de marcar essa grande efeméride.

Muito obrigado a todos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):-Gostaria de registrar as presenças do ex-prefeito de Salvador, ex-deputado federal, conselheiro aposentado Manoel Castro; de Antônio Luiz Calmon, ex-presidente do Instituto dos Advogados da Bahia; de Isidro Duarte, diretor da ABI; do jornalista Carlos Navarro Filho; do presidente do Comitê de Imprensa da Assembleia, jornalista Levi Vasconcelos; de Sérgio Emílio, vice-presidente do Instituto dos Advogados da Bahia; de Alexandre Brust, presidente da CBPM; de Evaldo Dias Moura Couto, vice-presidente do Rotary Club; do prefeito da cidade de Caravelas, Jadson Ruas; do prefeito da cidade de Andaraí, Wilson Cardoso;

do prefeito da cidade de Barra do Choça, Oberdan Rocha; de Marcos Emílio, diretor da EGBA; de João Carlos Oliveira da Silva, vice-presidente da Junta Comercial do Estado da Bahia; do ex-deputado Ewertom Almeida; de Maria Betânia da Silva, jornalista profissional, da Federação Nacional dos Jornalistas; do jornalista Sérgio Gomes; do secretário-geral da ABI, Agostinho Muniz; de Pablo Dacach, governador do Distrito 4550, Rotary Internacional; de Paulo de Jesus Rocha, vereador da cidade de Barra do Choça; de Adelson de Souza Freitas, também vereador de Barra do Choça; de Manoel Gomes Vieira, vereador de Barra do Choça; de Emílio Nunes Pinto, diretor da Força Sindical; e de Gutemberg Cruz, coordenador de comunicação da UPB.

Concedo a palavra ao meu querido amigo governador em exercício, João Leão. Antes, porém, gostaria de ler uma correspondência do senador Walter Pinheiro.

(Lê) Vimos parabenizar os colaboradores, funcionários e direção da Associação Baiana de Imprensa – ABI pela passagem dos 85 anos da instituição, que tem consolidada uma marca forte na defesa da liberdade e expressão na Bahia.

Esta justa homenagem da Assembleia Legislativa da Bahia, provocada pela deputada estadual Fabíola Mansur, é o reconhecimento de uma história de serviços prestados aos baianos e de contribuição inestimável para o fortalecimento da Democracia em nosso Estado e no Brasil.

Senador Walter Pinheiro.”

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):-Com a palavra o governador em exercício, João Leão.

O Sr. JOÃO LEÃO: -Bem, gente, em primeiro lugar, não poderia deixar de trazer o abraço a cada um dos senhores que estão aqui presentes neste ato da Associação Bahiana de Imprensa, nesta homenagem justa que esta Casa faz, do governador Rui Costa. Rui gostaria muito neste momento de estar ao lado dos senhores, mas, por viagem, eu estou ao lado da cadeira dele, porque em cadeira de governador vice não senta, vice olha.

Gostaria de saudar o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Marcelo Nilo; a Sr^a Senadora Lídice da Mata; a Sr^a Proponente desta sessão, deputada Fabíola Mansur; o Sr. Presidente da Associação Bahiana de Imprensa, jornalista Walter Pinheiro; o Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça, Livaldo Brito; o Sr. Marco Antonio Oliveira de Queiroz, representando do reitor da Universidade Federal, professor João Carlos Sales; o Sr. Secretário de Comunicação do Estado, meu companheiro e colega André Curvello; o Sr. Presidente da Assembleia Geral da ABI, jornalista Samuel Celestino; a Sr^a Presidente da Associação dos Magistrados da Bahia, Marielza Brandão Franco; o Sr. Representante da Academia de Letras da Bahia, meu companheiro Joaci Góes; a Sr^a Presidente do Sindicato dos Jornalistas, Marjorie Moura; o Sr. Presidente da Associação Comercial da Bahia, Luiz Fernando Queiroz; a Sr^a Diretora da Faculdade de Comunicação da UFBA, Suzana Barbosa; o Sr. Pesquisador e Jornalista, Nelson Varón Cadena, que fez um belo discurso aqui,

contou a história da ABI para todos nós; os deputados Herzem Gusmão, Eduardo Salles, Marcelino Galo, Sandro Régis, Marcell Moraes, Pablo Barrozo, Manassés, Nelson Leal, Pastor Sargento Isidório, Ivana Bastos; o eterno deputado Manoel Castro; o ex-deputado nesta Casa Everton Almeida; e gostaria de citar o nome de cada um dos senhores e teria encerrado o meu discurso com a citação de tantos amigos que vejo aqui.

Estava ali dizendo: “Eu vou falar o quê?” E me lembrei, com Samuel Celestino e Walter Pinheiro, quando estávamos conversando, de uma história de meu pai, que era jornalista, dono de um jornal. Era um Joaci Góes, empresário e dono de um jornal, meu pai tinha construtora, imobiliária, usina de açúcar em Pernambuco, e ele, igual a Joaci, inventou de comprar um jornal. Hoje é fácil fazer imprensa, você pega um celular, escreve uma reportagem, tal, tal, tal, aperta o botão, cai no site, cai no facebook, cai no mundo. Antigamente era diferente. A reportagem era feita com um tipógrafo, ele colecionava todos aqueles tipos, era uma tabuleta que você pegava a página na tabuleta e ia preenchendo tipo por tipo. Eu me lembro disso, garotinho de 5, 6 anos de idade, o tipógrafo pegava uma borracha de câmara de ar de bicicleta e botava no entorno da tábua, fechava o tipo e ali estava pronta a página do jornal. Um dia, meu pai estava em casa, à noite, ele editava dois jornais na mesma gráfica, saíam 2 jornais todo dia, era o Diário da Manhã e o Diário da Noite, e quando terminava o Diário da Noite, começava o Diário da Manhã e à meia-noite se fechava todo o jornal e se colocava em um carrinho daqueles, e o elevador era de sanfona. Ainda vivi a Tribuna da Bahia com elevador de sanfona, no início.

Então, o elevador abria no andar, tinha um rapaz de 18 anos que transportava o jornal. A tipografia era no 3º andar e a gráfica, no térreo, então se fechava o jornal e lá vinha o menino empurrando o carrinho, ele viu a porta do elevador aberta e empurrou direto, e o elevador não estava, caiu o jornal todo pronto no poço do elevador. Tarcísio Holanda, que era o chefe da redação, que depois foi para a revista O Cruzeiro, navegou por essas grandes revistas do Brasil, liga para o meu pai e diz: “Luiz Felipe, o jornal não sai amanhã.” E contou a história a meu pai. E meu pai era tipo Joaci, um homem inteligente, de uma cabeça fenomenal, de raciocínio rápido.

Então ele disse: “Sai! Você não tem aquele clichê de Agamenon Magalhães montado num cavalo de dedo pra cima?” Ele disse: “Tenho”. “Limpa o clichê, que eu chego aí daqui a pouco no jornal, e prepara, que nós vamos fazer o jornal todo aí.” E Holanda: “O que é que... Como é que nós vamos fazer esse jornal todo?!”

Meu pai chegou lá, pegou o clichê: “Bota o clichê no meio da página.” Clichê grande. “Bota lá: Jornal da Manhã”, e tal. Fechou. Diário da Manhã. Fechou o jornal todo. “Vamos escrever em letras garrafais: governador Agamenon Magalhães.” Não! “Grande governador Agamenon Magalhães. Nas páginas seguintes, suas grandes obras.” E tava o jornal lá todo em branco nas páginas seguintes. Estourou no dia seguinte, nas bancas, esse jornal!

Então, é a diferença atual da imprensa de hoje e da imprensa de ontem. A facilidade da imprensa de hoje e a dificuldade da imprensa de ontem.

Mas, gente, eu me comprometi com a senadora Lídice da Mata que falaria apenas por três minutos.

Um abraço pra todos os senhores. Um abraço muito grande do governador Rui Costa pra cada um dos senhores, meus companheiros todos da Mesa. Que Deus tome conta de cada um de vocês desta Mesa e deste Plenário.

E tenham certeza que o povo da Bahia deu uma responsabilidade muito grande ao governador Rui Costa e a mim. E nós vamos cumprir com a nossa responsabilidade.

Um abraço pra vocês. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Meu querido amigo governador em exercício, João Leão, minha querida amiga ex-deputada estadual e federal, ex-prefeita e senadora da República, Lídice da Mata, quero saudar a proponente desta sessão, deputada Fabíola Mansur, o presidente da Associação Bahiana de Imprensa, meu querido amigo jornalista Walter Pinheiro, o desembargador Livaldo Brito, do Tribunal de Justiça da Bahia, Marco Antônio Oliveira de Queiroz, representante do reitor da UFBA, Prof. João Carlos Salles, meu querido secretário de Comunicação do governo do Estado, André Curvello, nosso presidente da Assembleia Geral da ABI, este grande jornalista, Samuel Celestino, Marielza Brandão Franco, presidenta da Associação dos Magistrados, meu querido amigo fraternal, este ex-deputado federal, jornalista e acadêmico Joaci Góes, Marjorie Moura, presidenta do Sindicato dos | Jornalistas, Luiz Fernando Queiroz, presidente da Associação Comercial da Bahia, Suzana Barbosa, diretora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, e o pesquisador e jornalista Néelson Varón Cadena.

Quero saudar também e parabenizar os meus pares, deputados estaduais, pelas 36 horas de sessão ininterrupta na Casa nesta semana. Os deputados Pablo Barrozo, Pastor Sargento Isidório, Ivana Bastos, deputado Herzem Gusmão, deputado Eduardo Salles, deputado Marcelino Galo, deputado Sandro Régis, deputado Marcell Moraes, deputado Manassés, deputado Nelson Leal, minhas amigas e meus amigos, hoje, é um dia muito especial para esta Casa.

Eu, Marcelo Nilo, presidente do Poder Legislativo baiano, já passei por diversas emoções, meu querido José Mendonça, na Casa do povo. Hoje, fiz questão de antecipar a minha vinda de Brasília, na Casa Civil - onde tive o prazer e a alegria de participar da transmissão de cargo do ex-governador da Bahia, Jaques Wagner - para atender uma solicitação dessa parlamentar, Fabíola Mansur. Mesmo no primeiro mandato, sem dúvida nenhuma, é uma das deputadas mais atuantes. Ela é preparada, assídua e grande negociadora. Neste momento de felicidade, coloca esta Casa para homenagear os 85 anos da Associação Bahiana de Imprensa. (Palmas.)

Vivemos um momento difícil na vida pública do nosso País, uma grave crise econômica, uma grave crise política, e por que não dizer, uma grave crise de falta de credibilidade. Acredito que sairemos dessa crise se mantivermos, como estamos mantendo, as instituições funcionando. A Constituição diz que são três poderes constituídos: Assembleia Legislativa, que elabora as leis; O Poder Executivo, que executa as leis; o Poder Judiciário, que determina o cumprimento dessas leis. Entre esses três poderes, sempre ressaltei que temos o quarto e o quinto poder, entre aspas, o Ministério Público, que fiscaliza o cumprimento das leis; e imprensa livre, que leva para a sociedade todas as informações, as boas e as ruins.

Ontem, por exemplo, tivemos um fato fantástico no Brasil. O Tribunal de Contas da União rejeitou as contas da presidenta Dilma Rousseff. Na véspera desse julgamento, o relator foi denunciado pelo Ministério Público Federal por atos de corrupção. Vivemos em um País democrático. Este País consolida a sua democracia com as informações da imprensa. Como o povo brasileiro tomaria conhecimento desses dois fatos importantes e atípicos no nosso País sem ser através da imprensa livre do nosso País?

Eu, Marcelo Nilo, sou o único deputado na história da Bahia que ficou 16 anos na Oposição, meu querido Walter Pinheiro. Estou aqui hoje, graças a imprensa baiana que me deu as condições para que eu pudesse levar as minhas mensagens para o conhecimento do povo do nosso Estado. Nós vivemos em um regime democrático. As instituições estão consolidadas no estado onde a imprensa é livre para levar suas notícias para o conhecimento do cidadão e da cidadã.

Vivemos em um País e só acredito nele se fortalecemos a educação. Eu só acredito neste País se fortalecemos a cultura. Esta Casa, cumprindo o seu papel, editou e reeditou 153 livros de pessoas que fizeram a história da Bahia, por exemplo, Jorge Calmon, um dos maiores jornalistas do Estado da Bahia. Reeditamos o livro da Mulher de Roxo, uma senhora que perambulava na rua Chile, no Campo Grande e na Vitória. Ela não tinha passado, tinha presente e esta Casa está fazendo o futuro.

Meu querido Walter Pinheiro, só acredito na consolidação da democracia com a imprensa livre. O País está consolidado, porque vocês são livres para levar as notícias ao cidadão e à cidadã do nosso País.

Agradeço a presença de todos. Parabênizo, mais uma vez, a deputada Fabíola Mansur por este ato tão importante. Registro, inclusive, a presença da minha querida amiga, deputada Maria del Carmem, e digo aos companheiros e companheiras que esta Casa está cumprindo o seu papel de enaltecer cada vez mais a imprensa livre em nosso Estado. Existem três poderes, e entre esses poderes está o Poder Legislativo, que tem aqui um comitê de imprensa durante 24 horas, presidido por este grande jornalista Levi Vasconcelos, para levar para a Bahia as notícias do Poder Legislativo baiano.

Agradeço pela presença de todos e declaro encerrada esta sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.ph.p> Acesse e leia-as na íntegra.